

# À MARGEM DA MARGEM: A EXPERIÊNCIA DE UMA CICLOENTREGADORA NA CIDADE DE SÃO PAULO

**Douglas Alexandre Santos Silva<sup>1</sup>**

**RESUMO:** A produção sociológica em torno do trabalho por plataformas de *delivery* tem crescido e levantado questionamentos acerca das formas de controle ali presentes, das condições laborais dos entregadores e da precariedade inerente a essa atividade. Contudo, as características dos trabalhadores das plataformas raramente figuram nas investigações sobre esse tipo de trabalho. Muitas dessas análises identificam que o trabalho de entrega por plataforma de *delivery* é uma atividade realizada sobretudo por homens jovens. De fato, a presença de mulheres nesse universo é minoritária. Não obstante, existem pesquisas que buscam tratar da experiência das mulheres com as entregas; devido à baixa representatividade feminina em meio à população geral de entregadores, porém, elas se voltam sobretudo aos coletivos e cooperativas dedicados a mulheres e pessoas LGBTQIA+. Ignorado por essas duas tendências analíticas, que parecem se comportar como os extremos de um *continuum*, encontra-se um objeto que, embora minoritário no plano da realidade, possui grande importância para a compreensão geral da atividade de entrega por empresas-plataformas: as entregadoras ciclistas das empresas-plataformas de *delivery*. A partir de uma pesquisa etnográfica, explora-se o caso de uma entregadora do sexo feminino, com o fito de tecer um retrato que contraponha a experiência masculina – majoritária – com as plataformas de *delivery* àquela vivenciada pelas mulheres cicloentregadoras na cidade de São Paulo.

**PALAVRAS-CHAVE:** plataformas; *delivery*; cicloentregadoras; gênero.

## Introdução

Presenciamos hoje, no Brasil, a emergência de um campo investigativo bastante fértil e produtivo – aquele dedicado ao fenômeno do trabalho mediado por empresas-plataformas. Os focos das pesquisas em torno desse tema são variados: relativamente às empresas-plataformas, investigam-se tanto os aspectos culturais que as originaram e as orientam, quanto as infraestruturas que as sustentam, as estratégias discursivas e legais que mobilizam para driblar os arranjos institucionais dos países nos quais se inserem, além das inúmeras formas de subordinação dos trabalhadores. A despeito de sua intensa prolifera-

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP (PPGS/USP).

ração, a literatura ainda carece de questionamentos sobre como os atributos concernentes aos trabalhadores integram ou condicionam o trabalho realizado. No caso dos entregadores das plataformas de *delivery*, sabemos serem sobretudo rapazes jovens provenientes de camadas populares. Com efeito, o marcador geracional já foi apontado em estudos precedentes como um elemento que produz efeitos de larga escala; a noção de “juvenilização do trabalho” foi empregada para se referir a uma estratégia das plataformas pautada na inclusão de um estrato mais vulnerável do mercado de trabalho – os jovens –, sem nenhuma garantia, com menor remuneração e condições mais precárias de trabalho, numa atividade anteriormente realizada por trabalhadores adultos em empresas de logística, providos de direitos trabalhistas, que regulavam esse mercado nas grandes cidades do país<sup>2</sup>.

No que diz respeito ao gênero, a presença de mulheres entregadoras nas plataformas de *delivery* no Brasil tem sido crescentemente documentada por pesquisas com os mais diversos graus de aprofundamento analítico e estratégias metodológicas. Sabemos que se trata de uma composição minoritária, já que as pesquisas amostrais reiteradamente têm apontado que a presença feminina na atividade de cicloentregas de *delivery* é muito minoritária.<sup>3</sup> No que diz respeito às pesquisas de natureza qualitativa que se voltam às entregadoras, algumas delas se limitam a apontar a presença feminina minoritária nesta atividade.<sup>4</sup> As dificuldades e desigualdades que experienciam são também alvo de estudos, como pode-se ver brevemente em Arnaud e Gomes<sup>5</sup>, pesquisa que traz breves relatos de situações de violência e assédio experienciadas pelas cicloentregadoras. Rodrigues<sup>6</sup> identifica as diferenças salariais entre homens e mulheres que trabalham com os aplicativos de *delivery* – embora sem diferenciar cicloentregadoras de *motogirls*. Há ainda o caso de Medeiros<sup>7</sup>, que realiza a análise de 3 reportagens sobre o #brequedosApps de julho de 2020, buscando entender os sentidos ali presentes sobre as relações de gênero nessa atividade.

Um conjunto mais significativo de pesquisas se voltou às experiências

---

2 ABÍLIO, L. C. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019; ABÍLIO, L. C. Uberização e juventude periférica - desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. *Novos estudos*, CEBRAP, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 579-597, set.- dez., 2020.

3 ALIANÇA BIKE. Pesquisa de perfil de entregadores ciclistas de aplicativo. São Paulo, Brasil: Aliança Bike, 2019; ALIANÇA BIKE; LABMOB. Relatório técnico: ciclogística Brasil. São Paulo: Aliança Bike; Labmob; Instituto Clima e Sociedade, 2020.

4 ARNAUD, B. N.; GOMES, V. L. B. Retrato da mulher na plataformização do trabalho: a particularidade das entregadoras por aplicativos em Belém-Pará. *Revista Ciências do Trabalho*, n. 25, 2024; OLIVEIRA, P. T. G.; JUNGES, J. R. Plataformas digitais de entrega de alimentação: condições de trabalho e riscos para a saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 32, n. 3, p. e220642pt, 2023; RODRIGUES, G. N. C. Diferença salarial de gênero e raça no mercado de aplicativo de entregas. *Dissertação (Programa de Pós-graduação em Economia) – Universidade Católica de Brasília, DF, 2022*; SILVESTRE, B. M. et al. “Sem tempo, irmão”: o trabalho e o tempo livre de entregadores uberizados durante a pandemia de covid-19. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 43, 2021.

5 Op. cit.

6 RODRIGUES, G. N. C. Op. cit.

7 MEDEIROS, L. V. A. “Uma minoria ainda mais vulnerável”: uma análise discursiva sobre entregadoras de aplicativo. *Revista Leitura*, n. 69, 2021.

femininas em cooperativas de entregas fundadas por mulheres. O *Señoritas Courier* tem sido estudado por diversos trabalhos como uma experiência de cooperativa bem-sucedida nesse âmbito. Guimarães Junior et al.<sup>8</sup> voltam-se a esse coletivo na chave das estratégias de enfrentamento e lutas contra a precarização do trabalho elaboradas pelos entregadores. Nesse contexto, o coletivo *Señoritas Courier* configura um exemplo de articulação em torno das dificuldades específicas enfrentadas por mulheres e pessoas LGBTQIA+ no universo das cicloentregas. A identidade e informações disponíveis em redes sociais sobre essa organização indicam que seu funcionamento se assemelha ao de uma cooperativa, embora a abordagem de Guimarães Júnior et al.<sup>9</sup> se resuma a caracterizá-la brevemente como um movimento social organizado de luta por melhores condições de trabalho.

Nesse conjunto, figura a pesquisa de Salvagni et al.<sup>10</sup>, que volta seu olhar aos coletivos *Señoritas Courier*, no Brasil, e *Les Mercedes*, na Espanha, para ilustrar como a expansão de cooperativas de mulheres no campo das plataformas tem constituído um avanço em direção a uma economia digital mais inclusiva. Os autores tomam os casos analisados como exemplos incipientes do processo de crescimento das iniciativas “genderizadas”<sup>11</sup> no interior do cooperativismo de plataformas.

Reck<sup>12</sup>, por sua vez, realiza um competente estudo de caso sobre o *Señoritas Courier*, abordando a composição do coletivo, o perfil de cada membro, o fluxo de operação das entregas e os modos de gestão operados ali dentro, além da divisão de ganhos e demais aspectos do funcionamento interno. Pode-se dizer que esse estudo realiza um verdadeiro raio-x do *Señoritas Courier* enquanto coletivo.

Essa literatura muito recente sobre as mulheres no trabalho com as cicloentregas não trata, exatamente, da relação das plataformas de *delivery*, e sim do trabalho de *delivery* construído às margens das plataformas – como é o caso das cooperativas. No que diz respeito ao trabalho massificado com as empresas-plataformas, algumas questões persistem sem respostas. Quais são as dificuldades específicas vivenciadas por mulheres nessa ocupação e, dentre elas, quais são compartilhadas com seus colegas de trabalho, majoritariamente homens? Como a clivagem de gênero elucida diferenças em termos dos significados e comportamentos a respeito da atividade que homens e mulheres exercem como entregadores? Como as experiências que transpassam as mu-

---

8 GUIMARÃES JUNIOR, S. D. et al. Desafios e alternativas às formas de resistência e organização coletiva da classe trabalhadora em contexto de plataformação do trabalho. *Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, out.-dez. 2022, p. 852.

9 Op. cit.

10 SALVAGNI, J. et al. Gendering platform co-operativism: The rise of women-owned rider co-operatives in Brazil and Spain. *Gender & Development*, v. 30, n. 3, p. 707-724, 2022.

11 Tradução livre para “Gendering”.

12 RECK, Y. “Mulheres e cicloentregas: um estudo de caso sobre o coletivo *Señoritas Courier*”. In: *Desafio: estudos de mobilidade por bicicleta*. 1.ed. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), 2022.

lheres entregadoras podem servir de lentes para trazer à tona dinâmicas mais gerais da atividade? O objetivo aqui não é responder exaustivamente cada uma dessas perguntas, mas chamar a atenção para que essa realidade seja trazida à tona a partir da experiência das entregadoras.

Neste artigo, fruto de uma pesquisa de mestrado sobre gênero e emoções dos cicloentregadores na cidade de São Paulo, busco trazer à tona, preliminarmente, como a experiência feminina revela dinâmicas existentes na atividade de entregas por plataformas de *delivery*. O arcabouço empírico é uma pesquisa etnográfica em curso, somada a uma entrevista em profundidade realizada com uma cicloentregadora. Esse material nos fornece um retrato instigante sobre como a cisão de gênero produz diferenças em termos da experiência e das vulnerabilidades presentes nesse trabalho. Os encontros com a cicloentregadora foram poucos, apesar de ainda permanecermos em contato para o prosseguimento da pesquisa etnográfica. O material que informou esse artigo se constituiu a partir de dois encontros em campo nos quais a acompanhei durante os momentos de descanso ou de espera por outras entregas, e de uma entrevista, com duração de aproximadamente uma hora. Deve-se considerar de antemão algumas questões a respeito do exercício analítico que se segue. A primeira, é o fato de essa pesquisa se inserir no quadro de uma etnografia mais ampla sobre homens entregadores do sexo masculino. Assim, como se verá, a experiência de Maria será o tempo inteiro contraposta à dinâmica mais geral, e majoritária, de seus colegas rapazes. Trata-se, efetivamente, de um viés. Em segundo lugar, o próprio fato de ser o pesquisador um homem negro é um condicionante. Embora a situação de entrevista<sup>13</sup>, em si, possua elementos diversos que condicionam o discurso do/a entrevistado/a, aponto esses dois fatores como possíveis produtores de interferências na objetividade esperada da entrevista.

## Uma trajetória em trânsito

Maria tem 27 anos e é entregadora intermitente há seis. É uma jovem, apesar de qualquer tipo de delimitação etária. Como ensina Mannheim<sup>14</sup>, o pertencimento a um grupo geracional diz menos respeito a um intervalo etário do que a elementos diversos que permitem conferir unidade, por exemplo, à juventude. Esses elementos, amplamente partilhados pelos entregadores e por Maria, são relativos à apresentação de si, a traços de comportamento, bem como a sua situação de vida. Eu não conseguiria enquadrá-la de outro modo. De sua aparência ao seu relato, tudo reiterou sua semelhança ao contingente majoritário de jovens cicloentregadores. A bicicleta própria e a *bag* vermelha do iFood somadas às suas características físicas – pele parda, corpo esguio, o

13 BOURDIEU, P. et al. Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. In: Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2007.

14 MANNHEIM, K. "O problema sociológico das gerações". In: FORACCHI, M. M. (Org.) Karl Mannheim: Sociologia. São Paulo: Ática, p. 67-95, 1982, p. 90.

cabelo preso num rabo de cavalo camuflado sob um boné esportivo, as roupas despojadas e o cigarro nos dedos – a tornavam indistinta entre as dezenas de entregadores que continuamente atravessavam a paisagem pedalando. Sua condição de gênero, porém, a destacava. Embora Maria relate ver mais mulheres trabalhando com as plataformas, ainda é relativamente raro ver uma cicloentregadora pelas ruas de São Paulo.

A jovem residia no Capão Redondo, periferia da Zona Sul da cidade de São Paulo, com a mãe, que era cabeleireira autônoma. Estudou a vida inteira nas escolas estaduais do bairro e tinha ensino médio completo. A família estava presente há pelo menos 60 anos no bairro e o traço que marcava cada uma das gerações, das avós às netas, era a ausência de figuras paternas. “É... Família de avós com filhas, todas mães solteiras, os netos todos sem pai”. Maria não tinha conhecido o próprio pai e o único homem presente em toda a sua família era um tio que, por sua vez, “nunca foi muito fã, assim, da ideia de ser pai”.

Em empregos anteriores era comum para Maria atuar em locais com forte presença de mulheres, como quando trabalhou como atendente num SPA ou ajudante de cozinha em restaurantes, ambos com registro em carteira. Essa rotina se transformou em 2018, quando, aos 21 anos, buscou uma nova fonte de renda para complementar os bicos de garçomete: foi então que descobriu a possibilidade de trabalhar fazendo entregas. Baixou o aplicativo da Rappi e fez o cadastro. Assim que teve sua conta liberada, desligou-se do restaurante e com sua própria bicicleta ingressou de vez na atividade. Passou dois anos nessa dinâmica, de 2018 a 2019, enfrentando o trânsito e os riscos das ruas, numa atividade em que os homens predominavam. Em todas as nossas conversas, destacou sua direção cautelosa e o cuidado para atravessar cruzamentos, além da frequente recusa de pedalar entre os carros, preferindo sempre as calçadas – relato frontalmente divergente ao dos rapazes cicloentregadores com os quais já travei contato. O próprio uso de capacete por parte de Maria nas duas ocasiões em que nos encontramos indicava uma postura divergente da comumente observada naquele universo, já que ali esse item de segurança pessoal é não só inexistente, como talvez decididamente recusado. No limite, seria possível que um entregador usando capacete tivesse sua destreza e coragem – em síntese: sua virilidade – questionadas. Ela seguiu conciliando o trabalho contínuo ao longo de dois anos nas plataformas de delivery com bicos como garçomete e em bares na noite da cidade.

A chegada da pandemia se interpôs àquele arranjo que parecia vir funcionando bem e Maria foi obrigada a interromper o trabalho bruscamente. Os bares e restaurantes não eram mais uma opção, nem para bicos, nem para trabalho formal, pois estavam entre os setores mais afetados pela pandemia<sup>15</sup>. Com respeito às entregas com os aplicativos, o receio falou mais alto. Preferiu se preservar em casa, com a mãe. Nesse momento, decidiu mudar de direção:

15 VIEIRA, B. M. 12 mil bares e restaurantes fecham na capital paulista durante pandemia, diz associação; delivery se consolida. G1 SP, São Paulo, 25 abr. 2021.

começou a fazer lanches e marmitas vegetarianas em casa para entregar, de bicicleta, pela cidade. A primeira postagem em sua página do Instagram anunciando o novo projeto veio em junho de 2020. Desde então, teve breves retornos a empregos formais, mas sempre se esforçando para equilibrá-los com a continuidade de seu negócio próprio.

As razões particulares para largar cada um dos empregos formais pelos quais passou eram variadas, mas um momento da entrevista indica um esforço de síntese dos sentimentos envolvidos nessas ocasiões:

D: qual foi o motivo da saída [do SPA e do restaurante]?

Maria: sempre, toda a vida, gerentes e tudo mais [me] sufocam muito e eu sei o que eu tenho que fazer, e não precisa, sabe? Parece uma sina mesmo. Toda a vida, sempre essa mesma coisa... Eu já faço muito, não preciso de ninguém me mandar fazer nada, e a galera fica em cima ali. E... putz, não. Eu odeio gente em cima de mim. Foi uma coisa meio de relação pessoal, do gerente pressionando e tal.

D: nos dois [empregos]?

Maria: sempre, em vários (...). Eu não sou muito puxa-saco, então eu lido bem como igual, assim. Eu sou muito sincera no que eu tô sentindo, do que eu tô passando. Sempre pros superiores, tipo, pros donos, gerentes e tal. Eu sempre falo, a ponto de, tipo assim, "tá bom, já falei e não resolveu"... eu me retiro. (...) Eu nunca cheguei a ser mandada embora, sempre me retiro, sempre peço demissão. Sofrendo pra... Sofrendo pra gastar o dia inteiro num lugar, ah não (risos). (...) Me pega mesmo essa cobrança, que eu sempre vi que não é tão necessário, assim.

Em sua trajetória ocupacional, as adversidades que enfrentou nos trabalhos formais que pôde acessar – as ocupações no setor de serviços – parecem tê-la afastado da ideia de seguir por esse caminho. Ressaltava a “liberdade de tempo, liberdade total com o meu tempo” como o fator fundamental em sua escolha por retornar às entregas de *delivery* e para dedicar-se à sua venda de refeições vegetarianas. Certamente, a liberdade da qual desfrutava com os novos trabalhos possibilitava a conciliação das duas atividades, mas a justificativa para o percurso que parecia afastá-la do mundo do trabalho formal não se restringia aos aspectos negativos de suas experiências anteriores. Outros elementos amparam sua narrativa:

Maria: eu venho de família autônoma, então essa coisa de trabalhar por conta é uma coisa que me brilha mesmo, eu sei do quanto me favorece ter o domínio do meu tempo. Tem o lado de buscar disciplina, foco, que é o que pega mais, assim. Se você não corre atrás de se inovar e essas coisas, você fica ali parada... Então tem que ir atrás mesmo pra fazer o próprio dinheiro. Mas eu curto essa

coisa, né? Eu já trabalhei em vários restaurantes, desde os 14 anos, então a vida toda trabalhei em restaurante, sempre na área dos alimentos, né? E aí com 21, eu comecei a fazer entrega pela Rappi.

À MARGEM DA MARGEM:  
A EXPERIÊNCIA DE UMA  
CICLOENTREGADORA NA  
CIDADE DE SÃO PAULO

A trajetória de Maria está longe de ser uma singularidade naquele universo de que fazia parte. Era mais uma jovem que buscou autonomia financeira em relação à família pela via das ocupações que tinha à disposição. Via de regra com trabalhos – fossem eles formais, ou informais – sub remunerados e precários. O relato de Maria traz à tona um controle abusivo, com nuances de assédio moral, por parte dos gerentes (homens), que pode estar relacionado ao fator de gênero:

Maria: já teve situações de gerente de restaurante tentar me podar, porque tinha outros funcionários que não seguiam o mesmo ritmo. E aí, sei lá, tentar tirar um liquidificador pra eu fazer menos sucos de uma vez.

D: porque você fazia...

Maria: muito, é. Muito rápido. Juro.

D: aí tem uma questão, esses dois últimos trabalhos seus tinham mais homens ou mulheres trabalhando com você?

Maria: mulheres. (...) No restaurante era misto, assim. No spa só mulheres. (...) O único homem era o dono e o manobrista.

A jovem, que sempre teve facilidade para a execução dos processos culinários exigidos nos restaurantes, relatava sabotagens pelo fato de que nos restaurantes, que são “ambientes mistos” em termos de composição de gênero, ela era demasiadamente eficiente em comparação com os demais colegas. Sabotagens e assédios morais por parte de superiores pareciam experiências comuns por ali. Esse conjunto de experiências ampara sua escolha por atividades que lhe proporcionassem maior autonomia e, sobretudo, ausência de controle hierárquico pessoal que, no mercado de trabalho por onde transitou, se traduzia em desqualificação, arbitrariedades, pequenas humilhações e assédios morais por parte das gerências.

## Um dia típico de trabalho

Voltar-se à experiência dos/as trabalhadores/as das plataformas pode trazer muitos ganhos analíticos às investigações sociológicas. A observação e descrição do que fazem, pensam ou dizem pode iluminar traços de sua atividade que jazem ocultos aos olhares que circundam grandes transformações envolvendo o capital e a economia das plataformas. Ater-se a como lidam com a organização do processo de trabalho e as formas de subordinação pode revelar aspectos da operação real do controle, por parte das plataformas, bem como de modos de resistência ou produção de consentimento, entre os trabalhadores. Buscando um retrato que trouxesse elementos para a reflexão, pedi

que Maria detalhasse um dia típico de trabalho com os aplicativos de *delivery*:

Acordo, tomo um café reforçado, porque afinal, pedalar gasta muita energia. (...) Eu tomo café preto. Geralmente como pão com ovo mexido. Gosto muito de comer ovo mexido. Laranja, banana, levo frutas também. Geralmente levo algum lanche. Costumo fazer isso num período curto. (...) Aí eu levo lanche, vejo se tá tudo ok, celular carregado, carregador portátil, se todos os cabos que eu vou precisar tá na mochila. Capa geralmente é muito importante também carregar. Capa de chuva. E aí, vejo isso, né? Bateria ok? Internet, carregador portátil, cabos... Água, garrafa de água sempre. E levo um lanchinho. Geralmente eu levo uma laranja que eu gosto, que hidrata e também tem a parte que traz um açucarzinho assim pro corpo dar um up. Às vezes eu levo marmita, peço pra esquentar em lanchonetes. Hoje em dia, a diferença é que de 2018 pra cá tem muitos pontos de apoio.<sup>16</sup> Então, tem ponto de apoio pra um banheiro, micro-ondas, bebedouro, agora tem muito mais.

Saio e pego a bike no bicicletário. [Eu venho] de transporte público. Aí pego a bike no bicicletário [e quando vou embora] deixo aqui [novamente]. É por questão de espaço mesmo. Tem uns horários que pode entrar no ônibus [com a bicicleta], mas mesmo assim nos horários [que pode] o ônibus é cheio, o metrô é cheio. Então prefiro deixar [a bicicleta aqui], porque já tem a bag que é volumosa, mais bicicleta, tudo... Então a bike eu deixo [no bicicletário], levo só a mochila. Aí pego a bike, vou pra zona que eu geralmente atuo, que é (...) [num bairro próximo da estação de metrô]. Aí tem os horários, né? A gente faz uma reserva de horário. Geralmente duram quatro horas.

E aí [os aplicativos] priorizam quem fez a reserva antecipada. Então “toca mais” pra quem fez reserva. Aí vou pra área em questão, conecto e aí vai tocando. Aí vou, busco [o pedido] no restaurante, dou a saída com pedido, levo pro cliente. E aí sempre tem que ir colocando os passos [no aplicativo], né? “Cheguei no restaurante”, “tô com pedido”, “tô dando a saída”. Sempre tem os comandos que tem que ir assinalando, porque se eu sair do restaurante sem dar a saída e chegar no cliente, eu não vou conseguir mais, porque vai pegando a localização. Então tem que apertar os comandos nos lugares certos, porque senão a localização não permite que eu consiga “dar a saída” do pedido [longe] do restaurante. É pra evitar golpe, né?... Tem uma molecada aqui que, mesmo assim, consegue dar golpe. Bicho, eu fico pensando, é muita inteligência para conseguir dar golpe, né? Porque tem todo esse mecanismo, né? Total. [Eles têm] muita força de vontade, eu acho que é a palavra.

Aí volto pra casa, pego o transporte, volto pra casa, banho, comer e descansar.

Ocultando-se a clivagem de gênero, seria difícil perceber que o relato

16 Os pontos de apoio são espaços criados pela empresa iFood para dar suporte aos entregadores. Consistem em alguns locais físicos em regiões centrais da cidade. Nesses espaços, é possível encontrar bebedouros, banheiros, microondas e espaços de descanso para os entregadores. O acesso aos pontos de apoio se dá mediante a apresentação do celular com o perfil ativo no aplicativo do iFood.

acima não advém de um entregador, mas de uma entregadora. O contato etnográfico prolongado com entregadores do sexo masculino, porém, levaria a destacar o último trecho como passível de uma possível suspeita. Os “golpes”<sup>17</sup> muitas vezes são relatados pelos entregadores como forma de atestar sua destreza e coragem no enfrentamento das regras impostas pelos aplicativos. A virilidade masculina se fazia presente em seus relatos. Porém, apesar dessa interpretação êmica, os golpes são também respostas aos altos gastos de energia ao se pedalar durante horas sob quaisquer condições climáticas sem alimentação adequada e suficiente.<sup>18</sup> No mais, Maria descreve um dia típico de trabalho, desde a hora em que acorda até sua volta para casa. Algumas condições dessa atividade que, a princípio, é desprovida de contrato de trabalho, saltam aos olhos.

A presença marcada do controle algorítmico se destaca. A prioridade para aqueles que realizam a “reserva de horários” é um elemento. Cada entregador deve reservar, preferencialmente no dia anterior, períodos de trabalho de duas horas que deseja cumprir no dia seguinte. Caso selecione, por exemplo, das 10h às 12h e depois das 13h às 15h, o entregador em questão muito provavelmente enfrentará um período ocioso de uma hora entre os turnos. Cabe dizer que a seleção do turno não garante uma porosidade nula no período escolhido. Maria me indicou que existe uma variação diária na demanda por entregas, o que é amplamente conhecido por entregadores com alguma experiência. Os horários das principais refeições do dia constituem uma variável. Assim, o período que abrange o horário de almoço contém um pico de demanda – geralmente, das 11h às 13h. Após isso, existe um declive na demanda. Para os entregadores, aumentam-se os intervalos entre as entregas. Os momentos de espera entre cada pedido se tornam mais longos. Isso perdura até que se aproxime o horário do jantar, que se inicia por volta das 18h e costuma seguir noite adentro. Além disso, a entregadora relata como deve estar sempre com o GPS ligado. Caso não indique os procedimentos corretos no aplicativo e nos locais físicos correspondentes, por exemplo, nas imediações do restaurante, quando finaliza uma tarefa, antes de seguir pedalando para a próxima, é impedida de prosseguir e também penalizada. Finalizar uma entrega sem apontar no aplicativo acarreta, necessariamente, em não remuneração.<sup>19</sup> Para Maria, aquela é uma forma de disciplinarização por parte das plataformas para inibir os “golpes”, que são estratégias utilizadas pelos cicloentregadores para se apropriar

17 Bem descritos em: PIRES, A. S.; PERIN, J. P. F. Op. cit.

18 Traço das masculinidades que já foram registrados não só em contextos laborais masculinos diversos. A título de exemplo: DETONI, P. P.; NARDI, H. C. Masculinidades e sexualidades em um canteiro de obras. *Revista de Estudos Universitários-REU*, v. 39, n. 1, 2013; LAMONT, M. *The dignity of working men: Morality and The Boundaries of Race, Class, and Immigration*. Harvard University Press, 2021; MOLINIER, P. Virilité défensive, masculinité créatrice. *Travail, genre et sociétés*, n. 1, p. 25-44, 2000; SALVAGNI, J. Risco, trabalho e masculinidade. Um estudo sobre os trabalhadores do setor elétrico. *OPSI*, v. 13, n. 2, p. 15-35, 2013; SANTOS JÚNIOR, J.; THIBES, M. Z.; MENEZES, M. A. Operários nordestinos na Região do ABC Paulista: narrativas de classe e de masculinidades. *Sociedade e Estado*, v. 36, p. 693-718, 2021.

A virilidade e a inclinação ao enfrentamento de regras como valor viril coletivo figura também em pesquisas sobre rapazes no contexto escolar: WILLIS, P. *Learning to labour: How working class kids get working class jobs*. Routledge, 2017.

19 Como registrado na entrevista realizada por Arnaud e Gomes (2024).

das refeições em vez de entregá-las. Seu olhar de admiração quanto à “força de vontade” dos entregadores deixa antever sua posição moral; o mesmo não vale para o controle algorítmico. Com efeito, mesmo que os entregadores burlem as regras dos apps, não é tão comum que transpareçam um julgamento de desaprovação quanto à operação do controle algorítmico; a não ser que estejam em cena falhas de operação (*bugs*) e ineficiências.

Assim, embora a diferença de gênero possa interferir no desenrolar de um dia de trabalho com os aplicativos, a descrição de Maria não o explicita. No caso dos entregadores do sexo masculino, já foi apontado como a virilidade configura uma dinâmica de gênero amplamente presente e mobilizada pelos entregadores no cotidiano de trabalho, produzindo riscos, status e hierarquizações.<sup>20</sup> Cabe questionar aqui o que o gênero produz do outro lado da moeda: que dinâmicas o feminino engendra nessa atividade?

## O gênero em cena - dinâmicas e estratégias

Tinha 21 pra 22 anos [quando eu comecei a fazer entregas pela Rappi] (...). Não tinha outras mulheres. Era muito raro ver outras mulheres. E eu fico nessa, assim, trabalho um pouco CLT, mas (...) não dá, [é] muita escravidão, sempre o dia inteiro trabalhando pra alguém, não tem tempo pra fazer nada. E aí voltei, pós-pandemia, pras entregas, e agora tem muito mais mulheres, assim. Acho massa.

Enquanto mulher, Maria tinha há cinco anos a experiência de ser minoria pedalando pelas ruas para os aplicativos. Mesmo hoje, quando ela sente que essa desproporção parece ter diminuído, ainda há poucas mulheres nessa atividade e continua raro avistar uma entregadora pedalando em São Paulo. O fato é que, ao longo da entrevista, busquei entender os desafios específicos enfrentados por mulheres no trabalho das entregas. Era esperado que as diferenças de gênero fossem explicitadas quando das questões que tematizam diretamente o “assédio”. Mas seu relato sobre as relações entre homens e mulheres nas entregas trouxe questões mais amplas e sutis:

E é engraçada a diferença entre [nós e] os homens, porque os homens, eles se falam entre si, todos se conhecem, chegam, já se cumprimentam. E as mulheres não, não tem esse contato, assim. É difícil ter essa dinâmica de conversar com outras pessoas. Tem esse lugar da mulher de ser mais conservadora, e mais quietinha, não ficar dando trela pra qualquer um, digamos assim... E aí eu tenho reparado nisso, assim. [Hoje] tem outras mulheres, mas na hora da retirada do

---

20 LE LAY, S.; LEMOZY, F. Op. cit.; LEMOZY, F. Op. cit.; BARROS, C. P. P., Op. cit.

pedido, as mulheres chegam, pegam o pedido [e] voltam, assim, cena rápida, né? Os caras já têm toda aquela coisa, têm a patotinha e tal. Eu até comecei a conversar com umas mulheres, assim, “pô, que massa que você tá aqui, quando eu comecei não tinha mulher e tal”. E aí incentivando isso mesmo, e pra gente criar uma rede, sabe, entre nós. Porque, pô, é estranho você sentir, ah, “sou sozinha, só sou eu mulher aqui e tal”. Eu me senti assim antes. E agora eu fico bem contente que tem mulher tanto de bike como de moto, assim. Encontrei algumas, conversei e tal. Bem bacana.

Em primeiro plano, cabe destacar que a dinâmica coletiva dos entregadores, que envolve práticas de solidariedade e compartilhamento de informações, de alimentos, de recursos e de lazer, já foi documentada por pesquisas qualitativas em São Paulo.<sup>21</sup> Embora o argumento de que a racionalidade produzida pelo fenômeno da uberização estaria gerando trabalhadores atomizados, dispersos, sem espaços fixos de trabalho, pesquisas de cariz etnográfico sobre cicloentregadores têm reiteradamente mostrado o contrário.<sup>22</sup> A inexistência de um lugar físico que concentre as atividades desses trabalhadores – de um “chão de fábrica” – não impede que estes produzam laços, dinâmicas coletivas, identidade e encontros. Maria atesta esse fato pelo polo negativo: a condição de gênero dificultava que mulheres participassem dessa sociabilidade masculina; por outro lado, sua condição numericamente minoritária dificultava a elaboração de laços e grupos por parte delas. Assim, aquilo que para os rapazes gerava redes de apoio, trocas e compartilhamentos, refletia-se para as mulheres como um ponto que acentua a vulnerabilidade que vivenciavam nas ruas. Maria sentia-se privada dessa rede de apoio e tentava tecê-la de forma artesanal, com muito mais dificuldades, já que as mulheres são minoritárias no trabalho por plataformas de *delivery*. Os períodos descontínuos durante os quais Maria exerceu a atividade de entregadora foram suficientes para que sua experiência com as empresas-plataformas evidenciasse os efeitos produzidos pela clivagem de gênero.

Ainda nesse trecho, pode-se levantar algumas questões acerca das relações entre homens e mulheres na atividade de *delivery*. Maria atribui a não participação feminina na coletividade dos entregadores mais a uma postura delas – “de não ficar dando trela pra qualquer um” – do que a uma repulsa deliberada deles. Talvez um possível embaraço que poderia se dar com o acesso a grupos predominantemente masculinos, ou ainda, a possibilidade real de que o ingresso nesses grupos resulte em assédios. Esse trecho indica uma dificuldade de socialização com os entregadores e sua causa é uma inferência baseada na realidade estrutural produzida pela opressão de gênero. O assédio, para

21 BRAGA, R.; SANTOS, D. “Os sentidos do uberismo: juventude e plataformização do trabalho na cidade de São Paulo durante a pandemia”. In: SINGER, A.; ARAUJO, C.; RUGITSKY, F. (Org.). O Brasil no inferno global: capitalismo e democracia fora dos trilhos. São Paulo: FFLCH/USP, 2022.; BRAGA, R.; SILVA, D. The meanings of uberism: Work platforms, informality and forms of resistance in the city of São Paulo. Revista de Ciências Sociais Política & Trabalho, n. 56, p. 118-136, 2022.

22 BRAGA, R.; SANTOS, D. Op. cit.; BRAGA, R.; SILVA, D. Op. cit.; PIRES; PERIN. Op. cit.

as mulheres, é um dado cotidiano. Não seria diferente para Maria. Num outro momento, porém, ela diz não ter sofrido e, ao mesmo tempo, desconhecer relatos de assédios por parte de entregadoras. Ela deixa evidente que em suas passagens por restaurantes, lugares com maior presença feminina, esse tipo de relato era mais comum:

Maria: eu acho que eu sou simpática, mas eu tenho uma postura que mantém esse limite, assim. É bem triste. Amigas já passaram por situações assim [nos restaurantes]. Acontece. Bastante. [Mas com as] entregas, não. Entregas, não.

É preciso considerar a inibição de Maria em relatar uma experiência sensível como a de assédio a um entrevistador homem acerca de uma atividade – dominada por homens – que ela estava exercendo ali, enquanto eu a inquiria. Resta, aqui, interpretar como esse fenômeno aparece subentendido, ali nas entrelinhas de seu relato. A integração das cicloentregadoras com os rapazes era evitada por elas devido a constrangimentos de ordens diversas. Essa chance real de constrangimentos se traduzia, conforme Maria, numa estratégia defensiva empregada pelas entregadoras para se salvaguardar dos assédios, a qual, por outro lado, produz um efeito colateral de isolamento e solidão num ambiente – no caso, as ruas da cidade – em que a existência de laços, redes de apoio e possibilidade de compartilhamento e solidariedade, funcionava como uma forma real de amparo e de atenuação das vulnerabilidades existentes no trabalho. Em se tratando de um universo já marcado por insegurança e desproteção, essa estratégia de defesa imperiosa imposta pela condição de gênero acentua ainda mais as vulnerabilidades experienciadas na atividade, na medida em que coloca as mulheres à margem da margem. Essa estratégia também foi identificada por Popan e Anaya-Boig<sup>23</sup> em pesquisa qualitativa conduzida no Reino Unido e Espanha. Os autores destacam que as mulheres, enquanto minorias nos ambientes de trabalho, buscam se defender de hostilidades e assédios sexuais por meio de estratégias tais quais evitar socialização no local de trabalho, encontrar lugares tranquilos para ficarem sozinhas ou cobrir o rosto para evitar suposições de gênero e evitar interações diretas. Essa estratégia defensiva, no caso de Maria como naqueles analisados por Popan e Anaya-Boig, gera consequências negativas para as mulheres, como a perda de oportunidades para serem aconselhadas pelos mais experientes e a possibilidade de evitar erros de principiantes. Conforme apontam os autores, esses fatores conjugados impactam negativamente nos ganhos das entregadoras, bem como no desenvolvimento de suas competências.

Com efeito, a socialização ociosa nos grupos de entregadores parece configurar a maior fonte de situações indesejadas para elas. Na atividade de *delivery*, existe decerto uma cadeia de interações que ocorrem ao longo do

23 POPAN, C.; ANAYA-BOIG, E. The Intersectional Precarity of Platform Cycle Delivery Workers. In: Norcliffe, G. et al. (Eds). Routledge Companion to Cycling. Abingdon: Routledge, 2022.

processo de trabalho. Forçosamente, deve-se estabelecer contato, ainda que breve, com funcionários de lanchonetes e restaurantes para retirar os pedidos; após isso, com os clientes, nos momentos de entrega. No mais, as interações são orgânicas e não-necessárias para a execução da atividade: aquelas que Maria relata existir entre os rapazes, de encontro dos grupos nos momentos de espera, quando estão ociosos. Aquelas interações necessárias para o processo de trabalho podem durar, literalmente, poucos segundos, o que, obviamente, não invalida a possibilidade de violências; mas suas comparações entre sua atividade atual, com os aplicativos, e as anteriores, em restaurantes e SPAs, deixou claro que a convivência prolongada com outros funcionários e superiores hierárquicos era uma fonte recorrente de desgastes, assédios – sexuais e morais – e insatisfações que costumavam levá-la a se demitir. Esse conjunto de experiências compõe a justificativa de Maria para estar trabalhando “por conta própria” e para as plataformas.

Por outro lado, a dinâmica viril dos entregadores não passou despercebida para ela, de acordo com o relato da época em que trabalhou como operadora logística pelo aplicativo *iFood*:

E aí, nessa época, tinha uns caras que tiravam um sarro. Saía pra entrega [e diziam]: “ah, vou entregar tudo e volto antes de você”. E aí, eu tinha uns negócios assim, querendo trazer essa competitividade. Tipo, “eu sou homem, eu sou mais forte, mais veloz e não sei o quê” (...). Rola um negócio assim de uma rivalidade máscula, de tipo, “putz, não, a mina não pode ser melhor que eu, mais veloz”, sei lá, coisas assim.

O que Maria experienciou é um aspecto que tem ganhado visibilidade na literatura: o papel da virilidade não apenas nesta atividade em particular, mas também nos ambientes laborais masculinos, de maneira geral. Ela foi alvo da competitividade viril masculina que existe entre os grupos de entregadores, para quem ir mais rápido, demonstrar destreza com a bicicleta, ainda que essas práticas envolvam riscos reais ao corpo – mas talvez justamente por isso – são *displays* lidos como passíveis de reconhecimento.

Seu percurso no mercado de trabalho, com vínculos curtos e itinerantes, a aproxima do conjunto de jovens que encontram nos aplicativos de *delivery* mais um capítulo de trajetórias ocupacionais irregulares e flexíveis. Fez as primeiras entregas com a *Rappi* quando tinha entre 21 e 22 anos, em meados de 2018, mas já trabalhava desde os 14. O incentivo a trabalhar não partiu da mãe, com quem ainda reside. Pelo contrário, a iniciativa foi totalmente da própria Maria, pois como não se sentia mais confortável para “pedir grana pra sair” foi “buscar [sua] independência”. Essa busca ainda persiste, e hoje seu trabalho esporádico com entregas serve para complementar a venda de marmitas vegetarianas feitas em casa por ela mesma. A jovem, decididamente, se entendia

como uma empreendedora. Mas essa identidade não deriva de sua atividade com as plataformas, e sim de sua atividade como produtora e vendedora de marmitas vegetarianas. A página no Instagram dedicada à divulgação das vendas somava mais de 1.500 seguidores e as postagens frequentes indicam não só dedicação, mas também uma demanda consistente por parte dos clientes.

A forma como Maria se relaciona com o trabalho por aplicativos pode oferecer um retrato heurístico para compreendermos os diferentes sentidos e significações que podem ser envolvidos pelos jovens nessa atividade. A facilidade de ingresso, a ausência de convívio com superiores hierárquicos, de regulações ou exigências formais e a igual facilidade para interromper a atividade a qualquer momento dotam o universo dos cicloentregadores de dinâmicas particulares. A presença majoritária de jovens<sup>24</sup> – ou até de menores de idade<sup>25</sup> – é um traço dessa atividade. Com efeito, a flexibilidade e inexistência de vínculos rígidos têm sido apontadas pela sociologia da juventude como traços das experiências laborais de jovens. Estruturalmente, a juventude tem sido caracterizada como o grupo ao qual restam as oportunidades mais precárias, informais e sub-remuneradas nos mercados de trabalho.<sup>26</sup> Por outro lado, quando se volta aos jovens pobres, um conjunto de investigações identifica uma afinidade entre modos de vida – ou culturas – juvenis e a preferência por vínculos laborais menos rígidos, além de, relativamente a jovens de classe média, menores relatos de insatisfação quanto à ocupação que exercem.<sup>27</sup>

Os relatos de jovens entregadores trazem continuamente o contraste entre esses dois registros. De um lado, um mercado de trabalho formal que eles próprios, ou os familiares, vivenciaram, no qual o controle pessoal por parte dos superiores hierárquicos costuma ser um polo de produção de insatisfação e sofrimento emocional. Do outro, a atividade recém encontrada com os aplicativos de *delivery*, na qual, embora estejam presentes desarranjos e estresses provocados pela impessoalidade de um aplicativo e seu controle algorítmico, havia, a princípio, a liberdade de organizar a semana como preferiam, trabalhar nos dias que quisessem, nos horários que lhes conviessem – embora seja sabido que existem horários com maiores e menores demandas. Esses retratos estanques estão longe de resumir a miríade de diferenças, os pesos e contrapesos existentes dos dois lados da balança. Mas a própria existência desse contraste, reiteradamente identificado em pesquisas qualitativas sobre jovens cicloentregadores, diz respeito a uma constelação mental presente naquele universo. Muitas interpretações lhe podem ser dirigidas, mas certamente esse esquema de percepção organiza as narrativas sobre as experiências ocupa-

24 Aliança Bike. Pesquisa de perfil de entregadores ciclistas de aplicativo. São Paulo: Aliança Bike, 2019.

25 MUNIZ, B.; CICERO, J. "Aplicativos de delivery: a nova faceta do trabalho infantil". Agência Pública, São Paulo, 2021; PIRES; PERIN. Op. cit., p. 126.

26 GUIMARÃES, N. A.; BRITO, M. M. A.; COMIN, A. A. Trajetórias e transições entre jovens brasileiros: pode a expansão eludir as desigualdades?. Novos estudos CEBRAP, v. 39, n. 3, p. 475-498, 2020.

27 BOURDIEU, P. "A juventude é apenas uma palavra". Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, [1978]1983; GOUVEIA, A. J. O trabalho do menor, necessidade transfigurada em virtude. Cadernos de Pesquisa, n. 44, p. 55-62, fev. 1983; PAIS, J. M. Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida. Análise Social, v. 26 (114), 1991 (5.º), 945-987.

cionais pregressas e orienta a projeção de expectativas futuras entre o jovens trabalhadores provenientes de famílias em contexto de pobreza nas grandes cidades. A trajetória de Maria, em que pese sua passagem por ocupações com forte presença feminina – contrariamente à realidade das entregas de *delivery* –, pode ser enxergada como pertencente a esse contexto de juventude, pobreza e busca por autonomização por uma das vias mais precárias para jovens pobres: aquela da baixa escolaridade, de empregos subremunerados e do trânsito intenso no setor de serviços.

## Considerações finais

Esse curto fio da trajetória de Maria aponta que sua passagem pelo mercado de trabalho formal é fruto de uma elaboração que justifica, hoje, sua permanência no trabalho por aplicativos. Se seu discurso se apoia numa racionalidade neoliberal produzida pelo discurso predatório das empresas-plataformas, ou se na verdade constitui uma síntese situada de sua trajetória – já que o amparo na memória e os determinantes já apontados da situação de entrevista afetam parte da objetividade do relato – apenas a inclinação e a visão sobre a realidade desses sujeitos, por parte de quem interpreta, o dirá. No caso aqui analisado, Maria parece levar ao mesmo caminho que tenho trilhado e observado em outras pesquisas qualitativas: gênero, geração e condição social parecem constituir o ponto de inflexão para compreender as trajetórias, os sentidos e as expectativas que envolvem o universo dos jovens entregadores por aplicativos de *delivery*.

Um olhar mais atento para esses/as trabalhadores/as, suas condições de vida e seu pensamento a respeito da atividade que exercem pode dar lugar a uma linha de pesquisa pautada em alguns princípios basilares, onde, em primeira instância, é preciso que os marcadores sociais sejam encarados de forma não apenas descritiva; e, sim, como objetos passíveis de consequências analíticas. Como ensinam Hirata e Kergoat,<sup>28</sup> as clivagens geracionais e de gênero têm potencial de unir e dividir os trabalhadores e são elementos fundamentais para compreender as dinâmicas de organização coletiva, de situações de vida, experiências e de sentidos atribuídos ao trabalho. Voltar-se ao universo dos entregadores põe sobre a mesa o modo como a condição juvenil, aliada à de gênero, produz dinâmicas particulares.

Se os jovens entregadores experienciam o gênero de forma própria, no modo como significam seu trabalho e lidam com as condições laborais que lhes são oferecidas, a experiência de Maria evidencia também como o tecido complexo de vulnerabilidades ali presentes incide sobre uma jovem mulher e suas condições relativas. Certamente, o tema da experiência das cicloentregadores das plataformas de *delivery* merece esforços que apenas pesquisas

28 HIRATA, H.; KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e psicopatologia do trabalho. In: HIRATA, H. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

dedicadas a explorá-lo rigorosamente poderão cumprir. O retrato aqui apresentado, com todas as limitações ressaltadas, tem por objetivo chamar a atenção para essa realidade invisível, de modo que investigações futuras possam dedicar-lhe o esforço necessário, revelando outras faces desse fenômeno de enorme importância social e sociológica.

## Referências bibliográficas

ABÍLIO, L. C. Uberização e juventude periférica - desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. **Novos estudos, CE-BRAP**, São Paulo, v. 39, n. 03, p. 579-597, set.-dez., 2020.

ABILIO, L. C. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

ALIANÇA BIKE. **Pesquisa de perfil de entregadores ciclistas de aplicativo**. São Paulo: Aliança Bike, 2019.

ALIANÇA BIKE; LABMOB. **Relatório técnico: ciclologística Brasil**. São Paulo: Aliança Bike; Labmob; Instituto Clima e Sociedade, 2020.

ARNAUD, B. N.; GOMES, V. L. B. Retrato da mulher na plataformização do trabalho: a particularidade das entregadoras por aplicativos em Belém-Pará. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 25, 2024.

BARROS, C. P. P. **Escravos e guerreiros: trabalho uberizado e políticas da crise no Brasil (2015-2021)**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2022.

BOURDIEU, P. "A juventude é apenas uma palavra". **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, [1978]1983.

BRAGA, R.; SANTOS, D. "Os sentidos do uberismo: juventude e plataformização do trabalho na cidade de São Paulo durante a pandemia". In: SINGER, A.; ARAUJO, C.;

RUGITSKY, F. (Org.). **O Brasil no inferno global: capitalismo e democracia fora dos trilhos**. São Paulo: FFLCH/USP, 2022.

BRAGA, R.; SILVA, D. The meanings of uberism: Work platforms, informality and forms of resistance in the city of São Paulo. **Revista de Ciências Sociais Política & Trabalho**, n. 56, p. 118-136, 2022.

CORIAT, B. **El taller y el cronómetro**: ensayo sobre el taylorismo, el fordismo y la producción en masa. 13 ed. Madrid: Ed. Siglo XXI, 2003.

FELTRAN, Gabriel. **Fronteiras de tensão**: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: Unicamp, 2008, p. 85.

GOUVEIA, A. J. O trabalho do menor, necessidade transfigurada em virtude. **Cadernos de Pesquisa**, n. 44, p. 55-62, fev. 1983.

GUIMARÃES JUNIOR, S. D. et al. Desafios e alternativas às formas de resistência e organização coletiva da classe trabalhadora em contexto de plataforma do trabalho. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, out.-dez. 2022, p. 852.

GUIMARÃES, N. A.; BRITO, M. M. A.; COMIN, A. A. Trajetórias e transições entre jovens brasileiros: pode a expansão eludir as desigualdades? **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. 3, p. 475-498, 2020.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e psicopatologia do trabalho. In: HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

LAMONT, M. The dignity of working men: Morality and The Boundaries of Race, Class, and Immigration. **Harvard University Press**, 2021.

LE LAY, S.; LEMOZY, F. "Pour faire 100, il faut suer du sang!" La place de l'auto-accélération dans la rationalité pathique des livreurs de plateformes numériques. **Socioscapes. International Journal of Societies, Politics, and Cultures**, v. 2, p. 157-179, 2021.

LEMOZY, F. La tête dans le guidon: être coursier à vélo avec Deliveroo. **La nouvelle revue du travail**, n. 14, 2019.

MANNHEIM, K. "O problema sociológico das gerações". In: FORACCHI, M. M. (Org.) **Karl Mannheim: Sociologia**. São Paulo: Ática, p. 67-95, 1982, p. 90.

MEDEIROS, L. V. A. "Uma minoria ainda mais vulnerável": uma análise discursiva sobre entregadoras de aplicativo. **Revista Leitura**, n. 69, 2021.

MUNIZ, B.; CICERO, J. "Aplicativos de delivery: a nova faceta do trabalho infantil". **Agência Pública**, São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, P. T. G.; JUNGES, J. R. Plataformas digitais de entrega de alimentação: condições de trabalho e riscos para a saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 32, n. 3, p. e220642pt, 2023.

PAIS, J. M. Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida. **Análise Social**, v. 26 (114), 1991 (5.º), 945-987.

PIRES, A. S.; PERIN, J. P. F. Juventude e os sentidos do trabalho: experiências e perspectivas dos cicloentregadores plataformizados. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 11, n. 29, p. 124-150, 2023.

RECK, Y. "Mulheres e cicloentregas: um estudo de caso sobre o coletivo Señoritas Courier". In: **Desafio: estudos de mobilidade por bicicleta**. 1.ed. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), 2022.

RODRIGUES, G. N. C. **Diferença Salarial de Gênero e Raça no Mercado de Aplicativo de Entregas**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Economia) – Universidade Católica de Brasília, DF, 2022.

SALVAGNI, J. et al. Gendering platform co-operativism: The rise of women-owned rider co-operatives in Brazil and Spain. **Gender & Development**, v. 30, n. 3, p. 707-724, 2022.

SILVESTRE, B. M. et al. "Sem tempo, irmão": o trabalho e o tempo livre de entregadores uberizados durante a pandemia de covid-19. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, 2021.

VIEIRA, B. M. 12 mil bares e restaurantes fecham na capital paulista durante

pandemia, diz associação; delivery se consolida. **G1 SP**, São Paulo, 25 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/25/12-mil-bares-e-restaurantes-fecham-na-capital-paulista-durante-pandemia-diz-associacao-delivery-se-consolida.ghtml>. Acesso em: 12 de set. 2024.

À MARGEM DA MARGEM:  
A EXPERIÊNCIA DE UMA  
CICLOENTREGADORA NA  
CIDADE DE SÃO PAULO